

UM CRIOULO FRANCÊS NUMA NAÇÃO NÃO-FRANCÓFONA, TRINIDAD & TOBAGO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Jo-Anne S. Ferreira, Ph.D.

UWI/SIL (jo-anne@trinidad.net ou jsferreira@yahoo.com)

O passado

A República de Trinidad & Tobago faz parte do Caribe anglófono e situa-se apenas 11 km (7 milhas) da costa oriental da Venezuela. O país consta de duas ilhas principais, que foram oficialmente unidas em 1889: Trinidad ao sul que é a maior das duas, e Tobago ao norte. A sua classificação como um país anglófono, contudo, oculta a realidade da sua complexidade sociolinguística e o seu passado multilinguístico.

Segundo a décima-primeira edição do *Ethnologue*, Trinidad & Tobago é reconhecido e classificado como um país multilíngüe, com o inglês como a língua principal, e o crioulo inglês tobaguense¹, espanhol, crioulo francês trinidadiano² e bhojpuri sendo falados a níveis variáveis e por porcentagens variadas de falantes nativos (Grimes 1988: 78).³ Embora as porcentagens de falantes de espanhol, crioulo francês e bhojpuri sejam relativamente pequenas hoje, os falantes destas línguas pertencem a minorias etno-culturais e linguísticas significantes, e as suas línguas têm tido uma forte influência no léxico cotidiano do inglês e do crioulo inglês de Trinidad & Tobago (veja anexo 1), e também na fonologia⁴ e na sintaxe do crioulo inglês. Das três línguas minoritárias, é o crioulo francês que nunca foi restrito a nenhum grupo étnico, chegou antes de todas as outras línguas, menos o espanhol, e talvez tivesse a maior influência duradoura da fala desta nação. É esta língua que é o foco deste estudo.

No Caribe, região de mais de 35 milhões de pessoas, há mais de 8 milhões de falantes nativos de crioulo francês, principalmente em ex-colônias francesas, inclusive uma república e 3 DOM franceses (departamentos de ultra-mar). Isto significa que esta língua é a segunda mais falada na região depois do espanhol (embora o inglês seja falado oficialmente em 17 territórios caribenhos⁵, no maior número de países, não tem o maior número de falantes). O crioulo francês é falado em territórios oficialmente francófonos como Haiti, Martinica, Guadeloupe, e Guiana Francesa, e em oficialmente anglófonos que outrora eram franceses, sobretudo Sta. Lúcia,⁶ e Dominica, e também em Granada e em Trinidad & Tobago. Todos estes territórios crioulófonos, menos Trinidad, foram colonizados pela França, mas num sentido Trinidad divide o mar do Caribe, ou seja as suas fronteiras marítimas, com alguns desses outros territórios.

Ao contrário de Trinidad, que nunca foi colonizada pela França, Tobago foi uma possessão francesa pelo menos três vezes.⁷ Apesar de vários nomes de lugares franceses em Tobago, contudo, nem francês nem crioulo francês sobreviveu aí, ao contrário de Trinidad, onde ambas as línguas floresceram durante mais de um século, e que em 1869 produziu a primeira gramática publicada de qualquer crioulo francês do mundo.

Mas como Trinidad conseguiu adotar o crioulo francês se nunca foi francesa? Tudo aconteceu durante o reino dos espanhóis.

Quando os espanhóis chegaram a Trinidad em 1498, a maioria dos indígenas, Caribes e Aruaks pereceram no contato com os eles, ou foram forçados a assimilar-se. Hoje,

apesar da existência de mais de 1.000 pessoas que se consideram ameríndias, ninguém em Trinidad fala uma língua indígena. Os únicos traços lingüísticos indígenas são topônimos, e alguns nomes de plantas, animais e itens culturais (veja Baksh-Soodeen 1994).

Durante três séculos os espanhóis dominaram Trinidad, mas mesmo antes e depois da saída deles, a sua língua nunca chegou a dominar toda a população da ilha. Em 1866, apenas 64 anos depois do seu reino, um autor observou que a língua espanhola foi relegado a “certain districts and villages, in which the people are almost entirely of Spanish descent” (Gamble 39), e também na capital, a porta principal, onde houve numerosos visitantes do continente. Embora fosse uma língua que estava em Trinidad centenas de anos antes da chegada de outras línguas, nunca chegou a ser a língua franca, como o crioulo francês, devido a fatores socio-históricas.

Em 1797, a coroa britânica tomou posse de Trinidad. A Espanha, contudo, apenas cedeu Trinidad oficialmente à Grã Bretanha sob o Tratado de Amiens de 1801–02, e durante quase quatro anos, os dois poderes consideraram a ilha sob sua jurisdição. A língua franca da época da conquista britânica não era espanhol, mas crioulo francês que havia sido introduzido na ilha somente quatorze anos antes da chegada dos britânicos. O cenário sociolingüístico complexo da Trinidad do século XVIII tardio foi em grande parte resultado da (segunda) “Cedula de Población” bem sucedida do Roume de St. Laurent. Os espanhóis que tinham negligenciado a ilha em favor do “El Dorado” e de outras áreas maiores nas Antilhas e na América Central e do Sul, queriam agora estimular o povoamento e o desenvolvimento da ilha. Este decreto, a “Cedula,” anunciou a introdução de numerosos imigrantes francófonos (falando o francês padrão da época e vários dialetos regionais), e creolófonos na Trinidad espanhola, a partir de 1783. Como Corne notou, os espanhóis encorajaram a imigração de colônos franceses e seus escravos, sobretudo da Martinica e de Guadalupe, oferecendo aos franceses vários incentivos, inclusive terrenos e “financial inducements, the use of French as an official language alongside Spanish, and continuing French nationality for settlers and their descendants” (128). Do outro lado, os franceses tinham um interesse em emigrar pois eles estavam experimentando desafios políticos durante aquela época. A população sob controle espanhol era em número de apenas 1.400 em 1783, mas floresceu com a chegada de 28.000 pessoas de fala crioula francesa em 1797, das quais 20.000 eram africanos escravizados (Solomon 1993). Segundo o historiador Borde, “Trinidad at that time seemed like a French colony which England had recently acquired” (1982: 301), pois os novos imigrantes numerosos não foram proibidos a conservar as suas línguas e culturas. Em 1803, seis anos depois da chegada dos ingleses, apenas 21% da população livre falava inglês.

Na época espanhola, a política de imigração era aberta, também como as atitudes lingüísticas. Na época britânica, a política de imigração era aberta, mas as atitudes lingüísticas fechadas.

Mesmo depois da chegada dos franceses e os escravos africanos (e de origem africana) na Trinidad espanhola, a língua espanhola não mudou logo de sua posição oficial, e por algum tempo ficou como língua do governo, dos arquivos e dos tribunais, mas na área do comércio e da alta sociedade, foi o francês que dominou (Borde 1932: 302). A língua francesa também foi usada oficialmente, até 1823, ano em que o inglês foi nomeado a língua oficial de Trinidad, quase um quarto de século depois da chegada dos

ingleses (Holm 1994, cf. Gamble 1866). Depois deste ano, o francês continuou a ser usado na imprensa britânica, na forma de anúncios, publicidades e correspondência, e foi “the de facto language of law and commerce throughout much of the 19th century” (Solomon 1993). O crioulo francês se tornou o “medium of thought” da maioria da população que naquela época era de origem africana, e foi a língua “spoken most widely, the lower orders scarcely using any other, though they can nearly all of them speak English” (Gamble 1866). O crioulo francês continuou a ser tão popular assim durante mais de um século de poder britânico. Chegou também a ser a língua franca dos imigrantes mais recentes do século XIX da África Ocidental, Europa Ocidental, Índia e China.

Esta situação persistiu mesmo depois da aquisição de controle pelos britânicos.⁸ Embora a ilha tivesse sido conquistada pelos britânicos, ela foi social e culturalmente dominada por falantes de francês e de crioulo francês, e as leis espanholas continuaram sendo usadas durante vários anos. Por causa da posição dominante e do emprego comum do crioulo francês pela maioria da população, a língua inglesa apenas ganhou terreno no início do século XX, mais de cem anos depois da conquista britânica da ilha. Segundo Solomon, “by 1920 English in one form or another was the language of the majority of the population” (1993).

O período 1830 a 1860 foi um período de imigração muito importante de falantes de várias línguas, e também de outras colônias inglesas do Caribe Oriental. O ano 1846, doze anos depois da abolição da escravatura, foi o início da imigração de milhares da Índia, e centenas de China, Portugal e outros países europeus, e outras ilhas das Antilhas inglesas e francesas, inclusive “crioulofalantes” contribuindo à vitalidade social e à preservação do crioulo francês. (A imigração do Oriente Médio começou apenas no século XX) Houve tantas línguas em Trinidad naquela época que Gamble reconheceu que

Many distinct peoples go to make up the population of Trinidad. There are men from all quarters of the globe, and with but little exaggeration, it may be said that, in Trinidad, all the languages of the earth are spoken. (1866)

Entre essas línguas estavam espanhol, francês, crioulo francês, crioulo inglês, yoruba, ibo, congo, urdu, tamil, hindi, bhojpuri, bengali, português, línguas chinesas (inclusive hakka), alemão, dinamarquês, e italiano. Mas Gamble descreveu o “patois”⁹ como é chamado localmente, como

the language which the African and the Coolie, and the stranger in general, learns first, and of course, for the simple reason that he hears it most frequently spoken. Its vituperative epithets are numerous and forcible; and ... the best known, because the most frequently in use. (1866)

Durante este período, o governo britânico começou a desenvolver uma “full-scale policy of ‘Anglicisation’” (Brereton 1993), “full-scale” porque vários anos antes, um grupo de coloniais já havia tentado pressionar o governo para introduzir leis e instituições britânicas em Trinidad (Ramnath Singh 1976), inclusive língua, religião e educação. Em primeiro lugar, a nova política oficial visou a mudar as antigas leis espanholas, e em segundo lugar, a política afetou o sistema de educação, e empregos, tudo para que os britânicos controlassem a população misturada e diversificada.

Ao contrário dos espanhóis, os britânicos não toleraram o poder socio-cultural e lingüístico dos franceses. Quando os britânicos assumiram o poder político, eles contestaram a dominação dos franceses em todas as áreas, sobretudo as de língua e religião. A língua de um grupo é normalmente a sua marca identificadora mais importante, então a língua francesa virou o alvo dos britânicos que queriam estabelecer a língua deles de maneira permanente. Com a elite francesa rivalizou os poucos britânicos em tudo, a política visou a combater a influência francesa em todas as esferas. Segundo o historiador Wood, "from the beginning of British rule, the free classes were divided by religion and language" (1). Dois ingleses, originalmente baseados em St. Kitts, foram responsáveis pela promoção do plano de anglicização: Sir Henry McLeod, governador de Trinidad entre 1840 e 1846, e Charles William Warner,¹⁰ o procurador geral da Justiça de Trinidad entre 1844 e 1870.

Warner foi descrito como "the most influential Attorney-General in the history of Trinidad", "the dictator of Trinidad," "the evil genius of Anglicization," and "the evil genius of the country" (Wood 1965). Segundo Campbell, "the consuming passion of his long career was to give an English identity to a colony which was a mosaic of non-English cultural elements..." (1870). Em 1845, Warner declarou que "English rights and privileges should only be given to those who would take the trouble to learn English and to bring up their children in an English way" (Wood 1965). O governador McLeod concordou plenamente, e o seu sucessor, Lord Harris, continuou a promover esta política lingüística e socio-lingüística na educação.

No sistema de educação, todas as classes sociais foram afetadas. Em 1857, Warner contribuiu para estabelecer um colégio anglicano prestigioso para rapazes, e os franceses estabeleceram um colégio católico rival em 1863. Este colégio e o colégio católico francês para mulheres, fundado em 1836 continuaram a usar francês até 1870 (Brereton 1981). Anteriormente os franceses da classe alta foram educados em francês. Em casa eles falavam o francês assim como o crioulo francês (Solomon 1993). Quando muitos destes franceses ricos começaram a mandar os seus filhos para a Grã-Bretanha, os filhos começaram a assimilar-se mais na sociedade anglófona e a afastar-se da sua língua e cultura ancestrais. O francês chegou a ser uma língua secreta das gerações mais velhas, e isto aconteceu para outros grupos também – portugueses, chineses, indianos, falando várias línguas, e outros.

A Ata de Educação de 1851 viu a introdução de escolas primárias seculares e grátis, controladas pelo estado, e foi baseada num modelo de educação irlandês dos anos 1830. Contudo, estas escolas encontravam-se nas áreas rurais onde a maioria das crianças eram falantes nativas do crioulo francês e de espanhol (e a maioria de falantes de espanhol falava crioulo francês como segunda língua). Obviamente houve "acute language problems since English was the only language of instruction in the Ward schools while the majority of the pupils were patois-speakers" (Brereton 1981). Um escritor daquela época chamou aquele sistema de "desmiolado" e "irracional" pois o meio de instrução não foi na língua materna das crianças¹¹:

French and Spanish speaking children have been set to learn English alphabets, English spelling and English reading without the slightest reference whatever, in the explanation of a word or the translation of a phrase, to the only language, which they could speak or understand. (qtd. in Carrington et al 13)

O resultado foi uma aquisição instável de inglês, e o quase abandono das línguas maternas. Parece que o sistema falhou depois de vinte anos de tentativas. Apesar da falha das escolas, a política afetou quase todos os níveis da sociedade. Um século depois da introdução da língua inglesa e do seu estabelecimento como língua oficial, a maioria do povo estava falando inglês e/ou crioulo inglês, e o crioulo francês finalmente foi deslocado como língua da maioria.

É interessante observar que foi durante este período que John Jacob Thomas produziu a sua gramática de crioulo francês em 1869, uma língua muito vital na mesma época. Em 1866, um autor pensou que "the day is far distant ere the many tongues ... found in Trinidad will become as one" (Gamble 1866). Mas apenas duas décadas depois, em 1893, um padre francês concluiu que o inglês e até o espanhol eram as línguas mais importantes. Segundo ele, o inglês era "la langue de l'avenir pour la Trinidad," e aconselhou todos os recém-chegados a aprender inglês também: "conclusion pratique: vous tous qui désirez venir à la Trinidad, apprenez l'anglais ... et l'espagnol par-dessus le marché ..." (Cothonay 1893).

A política lingüística da administração britânica, e as estratégias usadas, eram um dos fatores mais importantes contribuindo à queda do crioulo francês, e todas as outras línguas em Trinidad. No século XIX, os britânicos fizeram tudo, e conseguiram, para fazer cumprir a sua política de assimilação lingüística, para derrotar o francês como língua rival do inglês, e para derrotar todas as outras línguas da sociedade, faladas pelos povos não privilegiados e sem poder político ou econômico, inclusive o crioulo francês. Outros fatores são a demografia e a infraestrutura do país. Primeiramente houve demasiadas línguas num território pequeno, e teria sido difícil tolerar o multilingüismo. A população era socialmente móvel, e sempre houve um alto nível de miscigenação. Um resultado do contato intenso entre tantos povos diversos era o colapso das barreiras entre estes grupos, inclusive as barreiras lingüísticas. Em segundo lugar, a topografia da ilha deixou as pessoas mudarem facilmente de um lugar para outro, e a população era fisicamente móvel. Estes fatores são as causas principais pela queda do crioulo francês, e muitas outras línguas, nesta colônia outra britânica.

O presente

Segundo Sealey & Aquing, escrevendo em 1983, o crioulo francês é uma "... dying language... spoken frequently and spontaneously only by elderly people..." (1). Agora é totalmente morta, pois não há falantes nativos jovens.¹² Sealey & Aquing estimaram que o número de falantes nativos e falantes de segunda língua era menos de 3% da população total de Trinidad & Tobago (7). Hoje, com certeza absoluta, a porcentagem é bem menos do que 3%, e a língua é falada em algumas áreas rurais com acesso difícil, sobretudo nas aldeias Paramin e Lopinot na cordilheira do norte. Segundo Ransau:

aujourd'hui, dix ans après¹³, nous pouvons dire sans avoir de craintes particulières quant à la possibilité d'être contredits, que le chiffre de 'moins de 3% de la population totale' avancé doit être revu à la baisse" (1994: 22-23).

Há outros falantes no país, mas eles vêm das Antilhas francófonas ou crioulófonas. Ransau fala também sobre o uso restrito do crioulo francês mesmo numa comunidade crioulófona: nous avons parlé d'élargissement du domaine d'utilisation de l'anglais car nous pouvons dire que pour les créolophones, l'usage du créole s'est réduit à des situations précises. Exemple: nos informateurs de Paramin et de Carénage avouent l'employée surtout en tant que code secrète en la présence d'enfants et de non-créolophones. (1994)

Este fenômeno de usar a língua materna e ancestral como código secreto na presença de crianças não é recente, e não é restrito ao crioulo francês.

Apesar do número pequeno de falantes nativos, ou talvez por causa disso, a Universidade das Índias Ocidentais (no campus de St. Augustine em Trinidad) introduziu um curso em "French-Lexicon Creole" em 1991.¹⁴ O livro texto é baseado no crioulo de Sta. Lúcia e foi escrito por Lawrence Carrington, oriundo de Trinidad. Os alunos são de Trinidad & Tobago e de Sta. Lúcia, e os professores desde a introdução vêm da Martinica e mais recentemente, de Sta. Lúcia. Todos eles são falantes nativos da língua, eram alunos de pós-graduação na hora de começar a instrução, e até hoje são pesquisadores da língua (veja anexo 2 para vários estudos sobre o patois). O curso é um curso de lingüística, aprendizagem de uma língua estrangeira, e de cultura. Uma parte essencial desta tentativa de reavivamento lingüístico é o envolvimento de pessoas de língua crioula francesa fora da Universidade em palestras, shows e intercâmbios. Contudo, muitos falantes nativos não são apenas idosos, mas são analfabetos em inglês, e todos são analfabetos em crioulo francês. Não pretendem estudar a língua formalmente pois já falam a língua, e este grupo funciona mais como um recurso pelos estudantes universitários do que um alvo pelo reavivamento da língua. Ainda não houve nenhuma tentativa de introduzir um curso semelhante nas aldeias onde estas pessoas moram, e onde há bastante jovens que falam apenas inglês e crioulo inglês.

Conclusão e futuro

Talvez as metáforas típicas e mais usadas como "language death", "language survival" e "language revival (or resurrection)" não sejam as melhores para descrever este caso do crioulo francês trinidadiano. "Language collapse" e "language rebuilding" talvez sejam mais apropriados como termos, pois a língua desapareceu, deixando as ruínas ainda muito óbvias, e este curso e toda a pesquisa na língua servem como tentativas para reconstruir e restabelecer o crioulo, pelo menos num setor pequeno mas com influência futura na área de educação. Ainda não é possível predizer qual será o resultado e impacto total destes esforços acadêmicos, mas o curso, que agora tem um lugar fixo no curriculum do Departamento de Artes Liberais, já está conseguindo despertar o interesse de estudantes de outras faculdades e de pessoas fora da universidade. Ele está assegurando um tipo de preservação desta língua de base da sociedade trinidadiana, talvez não nas comunidades onde a língua é ainda falada e onde foi parcialmente preservada, mas dentro de um grupo chave de pessoas interessadas, inclusive alguns descendentes de falantes nativos.

Referências

- Alleyne, Mervyn. *Comparative Afro-American*. Ann Arbor, MI: Karoma Publishers Inc., 1980.
- Allsopp, Richard, ed. *Dictionary of Caribbean English Usage*. With a *French and Spanish Supplement* ed. by Jeannette Allsopp. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- Anglade, Pierre. *Inventaire étymologique des termes créoles des Caraïbes d'origine africaine*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- Aub-Buscher, Gertrud. "Compiling dictionaries of Creole languages." *From Contact to Creole and Beyond*. Ed. Philip Baker. Westminster: University of Westminster Press, 1995. 229-234.
- Baksh-Soodeen, Rawwida. "A Historical Perspective on the Lexicon of Trinidadian English." Diss. (Ph.D.). University of the West Indies, St. Augustine, 1994.
- Borde, Pierre-Gustave-Louis. *The History of the Island of Trinidad under the Spanish Government*. 2 vols. Paris: Maisonneuve et Cie, 1876, 1883. Trans. James Alva Bain (Vol. 1), and A.S. Mavrogordato (Vol. 2). Port-of-Spain: Paria Publishing Company Ltd., 1982.
- Bratt Paulston, Christina. *Linguistic Minorities in Multilingual Settings: Implications for Language Policies*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- Breton, Bridget. *History of Modern Trinidad 1783-1962*. London: Heinemann Educational Books, 1981.
- . *Race Relations in Colonial Trinidad 1870-1900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- . "Social Organisation and Class, Racial and Cultural Conflict in Nineteenth Century Trinidad." *Trinidad Ethnicity*. Ed. Kevin A. Yelvington. Knoxville: University of Tennessee Press, 1993. 33-55.
- Campbell, Carl C. *Cedulants and Capitulants: The Politics of the Coloured Opposition in the Slave Society of Trinidad 1783-1838*. Port-of-Spain: Paria Publishing Company Ltd., 1992.
- . "Charles Warner and the Development of Educational Policy in Trinidad, 1838-1870." *Journal of Caribbean History* 10-11 (1978): 54-81.
- Corne, Chris. *From French to Creole: The development of new vernaculars in the French Creole world*. London: University of Westminster Press, 1999.
- Cothonay, R.P.M. Bertrand. *Trinidad - Journal d'un missionnaire dominicain des Antilles anglaises*. Paris: Victor Retaux et fils, 1893.
- Gamble, W.H. *Trinidad - Historical and Descriptive Being a Narrative of Nine Years' Residence in the Island, with Special Reference to Christian Missions*. London: Yates and Alexander, 1866.
- Carrington, Lawrence D., C.B. Borely, and H.E. Knight. "Linguistic Exposure of Trinidadian Children." *Caribbean Journal of Education* (June 1974): 12-21.
- Ferreira, Jo-Anne S. "The Portuguese Language in Trinidad and Tobago: A Study of Language Shift and Language Death." Diss. (Ph.D.). University of the West Indies, St. Augustine, 1999.
- Graham, McVey, Jr. "Caribbean French Creole Survey." School of Education, University

- of the West Indies: Society for Caribbean Linguistics Occasional Paper, No. 19, 1981.
- Grimes, Barbara F. *Ethnologue: Languages of the World*. 11th ed. Dallas, TX: SIL, 1988.
- . *Ethnologue: Languages of the World*. 14th ed. Dallas, TX: SIL, 1998.
- Holm, John A. "The Caribbean." *The Cambridge History of the English Language*. Vol. 5: English in Britain and Overseas: Origin and Development. Ed. Robert Burchfield. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 328–81.
- Jennings, William. "Saint-Christophe: site of the first French Creole." *From Contact to Creole and Beyond*. Ed. Philip Baker. Westminster: University of Westminster Press, 1995. 63–80.
- Laurence, Keith O. "Immigration into Trinidad and British Guiana 1834–1871." 2 vols. Diss. (Ph.D.) University of Cambridge, 1958.
- . *Immigration into the West Indies in the Nineteenth Century*. Bucks.: Ginn and Co. Ltd., 1971.
- Mintz, Sidney W. "The Socio-Historical Background to Pidginization and Creolization." *Pidginization and Creolization of Languages: Proceedings of a conference held at the University of the West Indies, Mona, April 1968*. Ed. Dell Hymes. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- Mohan, Peggy. "A Language Implodes: The Death of Trinidad Bhojpuri." *Proceedings of the Second Conference on the East Indians in the Caribbean*. University of the West Indies, St. Augustine, 1979.
- . "The Rise and Fall of Trinidad Bhojpuri." *International Journal of the Sociology of Language* 85 (1990): 21–30.
- Mohan, Peggy, and Paul Zador. "Discontinuity in a Life Cycle: The Death of Trinidad Bhojpuri." *Language – Journal of the Linguistic Society of America* 62.2 (June 1986): 291–319.
- Parkvall, Mikael. "The role of St. Kitts in a new scenario of French Creole genesis." *From Contact to Creole and Beyond*. Ed. Philip Baker. Westminster: University of Westminster Press, 1995. 41–62.
- Pinalie, Pierre. *Dictionnaire élémentaire français-créole*. Paris: L'Harmattan, 1992.
- Ramnath Singh, Seromanie. "The Anglicizing Policy in Trinidad in the 1840s." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine, 1976.
- Ransau, Jacques. "Evolisyon "Patwa" Trinidad-la : yè, djòdi, èk "Tomorrow." Special Project in Linguistics. University of the West Indies, St. Augustine, 1991–1992.
- . "Étude des emprunts anglais dans le créole à base lexicale française de Trinidad." *Mémoire de D.E.A., G.E.R.E.C., Université des Antilles-Guyane, Martinique*, 1994.
- Romaine, Suzanne. "Pidgins, Creoles, Immigrant, and Dying Languages." *Investigating Obsolescence: Studies in Language Contraction and Death*. Ed. Nancy Dorian. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. 369–83.
- Ryan, Patricia. *Macafochette*. La Romaine, Trinidad: the Author, 1985.
- Sealey, Wendy, with Patricia Aquing. "A Sociolinguistic Profile of Trinidad." Paper presented for the Caribbean Lexicography Project. St. Augustine: University of the West Indies, 1983.
- Solomon, Denis. *The Speech of Trinidad: a Reference Grammar*. St. Augustine: School

- of Continuing Studies, University of the West Indies, 1993.
- Thomas, John Jacob. Reprint. *The Theory and Practice of Creole Grammar*. Port-of-Spain: Chronicle Publishing Office, 1869. London: New Beacon Books, 1969.
- Warner, Maureen. "Language in Trinidad with Special Reference to English." Diss. (M.Phil.) University of York, 1967.
- Winer, Lise. "Early Trinidadian Creole: the *Spectator* Texts." *English World-Wide* 5.2 (1984): 181–210.
- . "Ethnic Lexis in an English-Creole Dictionary." *Dictionaries* 13 (1991): 65–74.
- . *Varieties of English Around the World: Trinidad and Tobago*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- Wood, Donald. *Trinidad in Transition*. London: Oxford University Press, for the Institute of Race Relations, 1968.

ANEXO 1

Alguns exemplares da influência do francês e do crioulo francês no léxico do inglês e do crioulo inglês de Trinidad & Tobago¹⁵

Flora

Balisier	uma planta
Barbadine	'maracujá-açu'
Bois bandé	uma árvore cuja casca se usa para preparar um afrodisíaco (Roupala montana (proteaceae))
	uma árvore que se usa para fazer balsas e canoas
	uma planta
Bois canot, bois canon	'mamorana'
Bois de rose	um tubérculo '(Colocasia esculenta globulifera (Araceae)) – cará?
Chataigne	'flamboiã'
Dasheen ((chou) de Chine)	'banana prata'
	'sempre-viva'
Flamboyant	vários tipos de manga com nomes franceses (com o adjetivo pós-posicionado)
Gros Michel	'espinho'
Immortelle	'ingá-cipó'
Mango (Douxdouce, Long, Rose, Vert)	'cajá-manga'/'cajarana'/'taperebá-do-sertão'
	'jambo'
	uma planta
Pika (piquant/piquer)	'cilantro'
Pois doux	'banana maça' ou 'banana branca'
Pomme cythere (pomme de Cythère)	tipo de planta sensível
Pommerac (pomme (de) Malacca)	'topinambo'
Pomme rose	'abacate'
Shado beni (chardon béni)	
Silyé (sucrière)	
Ti Mawi (Petite Marie)	
Topitambu (topinambour)	
Zaboca (avocat)	
Fauna	
Cobo (corbeau)	'urubu'
Crapaud	'sapo'
Grand-ecaille	'tarpão, camarupim'
Jep (guépe)	'vespa'
Keskidee (qu'est-ce qu'il dit) ¹⁶	tipo de ave (pitangus sulphuratus (Tyrannidae))
Mapipire (mal + pis + pire)	tipo de cobra peçonhento
Mapipire-balsain (malsain)	tipo de cobra peçonhento
Mapipire-zanana (ananas)	tipo de cobra peçonhento

Zandoli (<i>anole</i>)	'lagarto'
Carnaval	
Dame Lorraine	caráter do Carnaval
Dimanche Gras	o domingo antes do Carnaval
Jabjab (<i>diabie</i>)	'diabo'
Jab Molassie (<i>diabie mëlasse</i>)	caráter do Carnaval
Jouvert (<i>Jour Ouvert</i>)	a madrugada da 2ª feira do Carnaval
Pierrot Grenade (<i>pierrrot de Grenade</i>)	'arlequin'
Santimanitay (<i>sans humanité</i>)	um refrão num tipo de calypso
Folclore	
Lagahoo (<i>loup garou</i>)	'lobisomem'
Lajabliesse (<i>la diablesse</i>)	'diaba'
Mama Glo (<i>mama de l'eau</i>)	'mãe d'água'
Papa Bois	'guardião da floresta'
Soucouyant (?) (cognato em Fulfulde)	'uma mulher malvada e legendaria'
Comida ¹⁷	
Cerise	'cereja preservada'
Kouveti Pocham (<i>couverture pot de chambre</i>)	uma doce
Macafochette (marc à fourchette?)	'os restos'
Paimé (<i>pain de mie</i>)	'pamonha'
Ponche à crème	uma bebida
Soupee (<i>soupir</i>)	'suspiro' (doce)
Toolum (sem etimologia)	uma doce
Outro	
Bazodee (<i>abasourdi</i>)	'aturdido'
Bosi-back (<i>bossu</i>)	'corcunda'
Canneboulay (<i>cannes brûlées</i>)	uma festa
Chabine	'mestiça'
Chantwel (<i>chanterelle</i>)	um(a) cantor(a)
Commesse (<i>commerce</i>)	'confusão'
Doux-doux	'amor (apelido)'
Fête	'festa'
Fiambeau	'tocha'
Jamet (<i>diametre</i>)	'mulher desmazelada'
Lagli (<i>la glu</i>)	uma substância usada para pegar pássaros
Lahé (<i>faire la haie</i>)	'atrasar-se'
Maco (<i>macquereau</i> , uma das etimologias)	'fofocar, fofoqueiro/a'
Macommere (<i>commère</i>)	'madrinha'
Mamanpoule	'maricas'
Mauvais langue (<i>mauvaise langue</i>)	'falar mal de alguém' / 'fofocas'
Maljo (pode ser de origem espanhola)	'mal olhar'
Morre	'morro'
Petit Carême	período seco na estação de chuva
Picong (<i>piquant</i>)	'caçoadá'
Poteau d'église	'paroquiano regular'
Salope	'mulher desmazelada, vaca, vagabunda'
Tantie (<i>tante</i>)	'títia'
Toutoubay (<i>trop troublé</i>)	'aturdido'
Tout bagai (<i>toute la pagaille</i>)	'tudo'
Tout moun (<i>tout le monde</i>)	'todo o mundo'
Vay-ki-vay (<i>vaille que vaille</i>)	'laissez-faire'
Zafay (<i>affaire</i>)	'negócios'
Zami (<i>amie</i>)	'lésbica'

Zanj (<i>ange</i>)	'anjo'
Relexificações ou calques em algumas construções sintáticas	
It have	'há, tem'
I had was to ...	'eu tive que ...'
She have 10 years	'ela tem 10 anos'
To make baby	'estar grávida'
To make groceries	'fazer compras'
To make hot/cold	'fazer frio/calor'
To make message	'ir a recados'
Provérbios	
Há vários provérbios traduzidos quase literalmente do crioulo francês ao crioulo inglês	
Topônimos franceses – vários (cidades, vilas, aldeias, nomes de ruas, e nomes de montanhas, rios, etc.)	
Sobrenomes franceses – vários	

ANEXO 2

- Alguns estudos sobre o crioulo francês de Trinidad e Tobago, publicados e não-publicados
- Estudos e projetos de graduação inéditos (dados bibliográficos não completos) -
- Anthony, Nathalie. "The French Influence in the Language of Trinidad." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine, 1989.
- Dopson-Morris, Angela. "A Sociolinguistic Profile of Paramin Village." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Marshall, Shelley M. "Ties That Bind: The Mama Glo Tradition in Trinidad." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine, 2000.
- Mohammed, Zubaída. "Crêche Music." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Richardson, Andrea. "Impact and Continuing Influence of France on Culture and Society of Trinidad and Tobago." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Romany, Rodney. "Paramin." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Samsundar, Taramatee. "A Study of the Verb System of a French Creole speaker." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Sealey, Wendy. "Some Features of the English of a French Creole Speaker." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Wafe, Barbara. "Paramin." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Williams, Rae-Ann. "Lopinot." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Wright, Cleopatra. "French Creole Lexicon Items in the Speech of Trinidadians." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Outras obras publicadas e não publicadas
- Aub-Buschler, Gertrude. "Notes pour un glossaire du parler de la Trinité." *Revue de linguistique romane*.
———. "African Survivals in the Lexicon of Trinidad French-Based Creole." School of Education, University of the West Indies: Society of Caribbean Linguistics Occasional Paper No. 23, April 1989.
- Bryan, Avril. "French, Spanish and Trinidad English." *Americas* 26 (9): 25-31 (September 1974).
- de Verteuil, A. *Trinidad's French Verse 1850-1900*. Port-of-Spain: Instant Print, 1978.
- Goodman, Morris. "On the Phonemics of the French Creole of Trinidad." 1958.
- Hancock, Ian F. "A Preliminary Structural Sketch of Trinidad Creole French, with a Note on the Related Dialect of Guiría, Venezuela." *Amsterdam Creole Studies*, 8, 48:27-39, 1985.
- Pastner, Carroll. "A Sociolinguistic Study of a Rural Trinidad Community." N.Y.: Research Institute for the Study of Man, 1987.
- Thompson, Robert Wallace. "Préstamos lingüísticos en tres idiomas trinitarios." *Estudios Americanos*, 12:249-254, 1956.

Outras obras de interesse

- Alleyne, Mervyn. "A Linguistic Perspective on the Caribbean." *Focus: Caribbean*. Washington, D.C.: Latin American Programme, Woodrow Wilson International Center for Scholars, 1985.
- Baksh-Sooden, Rawwida. "Toponyms of Trinidad." Paper presented at a Society of Caribbean Linguistics

- Conference, University of the West Indies, St. Augustine, 1986.
- Brathwaite, Lloyd. "Social Stratification in Trinidad: A Preliminary Analysis." *Social and Economic Studies*. Reprint. Kingston: Institute of Social and Economic Research, University of the West Indies, 1975.
- Carrington, Lawrence D. *St. Lucian Creole: A Descriptive Analysis of Its Phonology and Morpho-Syntax*. Buske: Helmut, 1984.
- Edwards, Paula. "Language Barriers in the Caribbean and Possible Means of Overcoming Them." Caribbean Studies Project, University of the West Indies, St. Augustine.
- Elder, J.D. "Evolution of the Traditional Calypso of Trinidad & Tobago: a Sociohistorical Analysis of Song Change." University of Pennsylvania dissertation. Philadelphia, 1966.
- Grimes, Barbara F. *Ethnologue: Languages of the World*. 11th ed. Dallas, TX: SIL, 1988.
- . *Ethnologue: Languages of the World*. 13th ed. Dallas, TX: SIL, 1996.
- Johnson, Howard. "Barbadian Immigrants to Trinidad from 1870-1897." *Caribbean Studies*. Vol. 13, No. 3 (October 1973).
- Laurence, Kemlin. "Spanish in Trinidad: the Survival of a Minority Language in a Multilingual Society." Diss. (Ph.D.) University of London, 1970.
- . "Continuity and Change in Trinidadian Toponyms." *Nieuwe West-Indische Gids*, 2, 3:123-141, 1975.
- Jourdain, Elodie. "Creole - a Folk Language." *Caribbean Quarterly* 3,1:24-30, 1977.
- Mendes, J. *Coteci-Cotela*. Port-of-Spain, 1987.
- Mondesir, Jones E, e Lawrence D. Carrington. *Dictionary of St. Lucian Creole*. The Hague (?): Mouton de Gruyter, 1992.
- Ottley, C.R. "How to Old-Talk in Trinidad." 1965a.
- . "Trinidadianese." 1965b.
- . *Creole Talk (Trinidadianese) of Trinidad and Tobago: words, phrases and sayings peculiar to the country*. Port-of-Spain: Victory Press, 1971.
- Quevedo, R., Attila the Hun. *Attila's Kaiso - A Short History of Trinidad Calypso*.
- Penard, T.E. "Remarks on an Old Vocabulary from Trinidad." *West Indische Gids* 1928, 9:265-270.
- . "The Sociohistorical Background to the Language Situation in Trinidad." Master's Essay. Georgetown University, Washington, D.C., 1980.
- Warner, Keith Q. *Kaiso! The Trinidad Calypso - A Study of the Calypso as Oral Literature*.

Notas

- 1 Há também um crioulo inglês trinidadiano, embora as fontes da Grimes reconheçam apenas inglês padrão e inglês dialectal em Trinidad.
- 2 Seria ideal chamar este crioulo como 'trinidadiano' ou 'trinitário,' mas como muitos lingüistas reconhecem um crioulo inglês trinidadiano ou um inglês criouloizado, há de usar o nome completo.
- 3 Embora haja a décima-quarta edição disponível, a décima-terceira e a décima-quarta edições eliminaram espanhol, talvez por causa do número desprezível de falantes nativos.
- 4 Como Alleyne anotou, a fonologia é sempre o último nível do sistema lingüístico nativo a desaparecer (138). Se diz que o inglês trinidadiano é "syllable-timed" e não "stress-timed" como outros dialetos da língua inglesa, e que o crioulo inglês trinidadiano é meramente um crioulo francês relexificado.
- 5 'Territórios' é uma etiqueta bastante conveniente, pois nem todos são ilhas e nem todos são nações: há 11 nações independentes (inclusive 2 repúblicas), 5 colônias britânicas, e uma dependência americana, e há também um 'Commonwealth' americano onde inglês têm uma posição especial. 'Caribe' refere-se às "islands & rimlands" do mar caribenho, isto é, as ilhas das Antilhas e também Belize, Guiana e Guiana Francesa, que podem ser chamados de 'ilhas lingüísticas' na América Central e América do Sul.
- 6 Sta. Lúcia faz parte da 'francophonie'.
- 7 Quando os britânicos chegaram a Tobago em 1763, já tinham três tentativas francesas para colonizar a ilha. Os franceses ocuparam a ilha em 1781, e ficaram com ela durante

- 12 anos até que os britânicos a tomaram de novo em 1793. Uma tentativa final foi feita pelos franceses em 1802, mas os britânicos finalmente retomaram a ilha em 1803 e ela ficou britânica até 1962, ano de independência da união de Trinidad & Tobago.
- 8 Até agora, há muitos topônimos de origem francesa. Parece que os ingleses não quiseram mudar a maioria dos nomes de lugares ameríndios, espanhóis e franceses (menos na capital), e até traduziram alguns nomes, como o da capital, Port of Spain.
- 9 Até agora, o nome "French Creole" em Trinidad é um termo usado para fazer referência não à língua, que se chama "patois", mas aos franco-descendentes, e o termo agora significa qualquer euro-trinidadiano. Nomes franceses, contudo, pertencem a membros de vários grupos étnicos, embora a maioria de nomes aristocráticos pertençam a euro-trinidadianos.
- 10 Talvez exista uma conexão entre este Charles Warner oriundo da St. Kitts, e o Captain/Sir Thomas Warner que foi o líder da primeira colônia inglesa em St. Kitts em 1622. St. Kitts é o berço dos primeiros crioulos de base inglesa e de base francesa do Caribe. Alguns pesquisadores até falam de um tipo de proto-crioulos originando-se em St. Kitts (Parkvall 1995, Jennings 1995).
- 11 Keenan, P.J. Report on Education in Trinidad, 1869. Citado em Gordon, S.C. Reports and Repercussions in West Indian Education 1835-1933. London: Ginn and Co., 1968.
- 12 Numa visita recente à aldeia Paramin, a autora foi apresentada ao único jovem (de 21 anos) que fala 'patois' como língua materna, e a pratica diariamente. Ele está tentando transmitir a língua aos filhos dele.
- 13 Dez anos depois do estudo das Sealey e Aquing.
- 14 É o primeiro curso no Departamento de Artes Liberais da Faculdade de Letras e Pedagogia que tenta misturar a lingüística e a aprendizagem de língua. Hoje não é mais uma experimentação mas é um requisito para cursos como a dialetologia caraíba, que é um curso essencial na formação de lingüistas e sociolingüistas da Universidade. Há também um curso paralelo ministrado no Centro de Línguas, e é oferecido a membros do resto da comunidade universitária e do público geral que não estão cursando um bacharelado no Departamento. A profesora atual do curso no Departamento ensina também no Centro.
- 15 A ortografia usada aqui não é consistente, porque é assim que se soletram estas palavras em Trinidad - as vezes se usa a ortografia francesa moderna, mesmo se não corresponda à pronúncia crioula, às vezes se usa uma ortografia do crioulo inglês trinidadiano, e até uma mistura das duas. Ao lado do crioulo francês, o francês moderno está dado entre parenteses para mostrar a etimologia. Onde não aparecer, a ortografia do francês fica igual à do crioulo francês/inglês trinidadiano pois a pronúncia dos dois fica bastante parecida. Para algumas palavras que não usam a ortografia francesa, a transcrição fonética do francês lado ao lado com a do crioulo francês mostrará que os dois códigos têm muito mais em comum ao nível de fonética e fonologia (até certo ponto) do que o que é mostrado ou não mostrado nas duas ortografias.
- 16 Isto é a etimologia mais popular e conhecida desta palavra, mas não necessariamente a original ou a certa.
- 17 Dois pratos têm nomes de origem espanhola, mas as palavras têm uma pronúncia e uma ortografia mais do lado do crioulo francês. São *sancoche* do *sancocho* e *pastelle de pastel*. Vários topônimos de origem espanhola têm uma pronúncia crioula francesa como San Juan e La Brea.